

# Abertura do 5º Congresso Nacional de Medicina Tropical

*Opening ceremony of the 5th Tropical Medicine National Congress*

**Paulo Ferrinho**

Diretor IHMT (janeiro 2010 a setembro de 2019)

Senhoras e senhores, em nome do Magnífico Reitor dou-vos as boas vindas a esta sessão solene de abertura do 5º Congresso Nacional de Medicina Tropical sobre políticas e serviços de saúde.

Magnífico Reitor, Professor Doutor João Sàágua, honra-nos a sua presença neste encontro científico coorganizado por um dos centros de excelência da universidade, o GHTM (Global Health and Tropical Medicine). Na sua distinta pessoa, cumprimento todos os dirigentes científicos e académicos, nacionais e estrangeiros, aqui presentes.

Aproveito para reiterar que o projeto científico de saúde global do IHMT, que celebramos nesta bienal de medicina tropical, se identifica com o projeto de internacionalização da Nova, alinhando-se cabalmente com a estratégia de a tornar um centro de referência para estudos sobre globalização.

Estes estudos têm assumido, na Nova, contornos estratégicos ímpares na academia portuguesa, bem definidos no trabalho do instituto que dirijo, e reafirmados nas pontes que construímos com todos os países lusófonos e com parceiros diversos.

São esses saberes que nos unem a outros dois ilustres membros desta mesa de abertura, cuja presença agradeço vivamente: Matshidiso Moeti e Leonardo Simão.

*A special greeting to Dr. Matshidiso Moeti. I met her in Brazzaville, through Dr. Luís Sambo, Director Emeritus of WHO, who preceded her in the African Office and our Doctor Honoris Causa and Full Professor.*

*Professor Luís Sambo, whom I greet warmly, was also the distinguished speaker who opened our Second National Congress of Tropical Medicine in 2013.*

*It is a superlative honour that, once again, a leader of WHO would share with us her wisdom and experience during this solemn opening of our Congress.*

*Thank you, Dr. Matshidiso Moeti, for your availability.*

*From the time I first met you, I did not fail to follow with interest your work, to welcome your election to the WHO Regional Office, to participate, whenever invited, in your initiatives and to commemorate your successes.*

*The themes of this Congress reflect, in some way, our exchanges and the concerns reflected into the Framework Agreement that we signed in 2018.*

*This Framework Agreement is a commitment to collaborate in finding solutions to bottlenecks that delay the development and postpone the universalization of health systems in Africa, in particular in the African Countries whose official language is Portuguese.*

Senhor Dr. Leonardo Simão, a estima que nos liga é quase tão antiga como nós e perdura desde os bancos de escola que partilhámos em Moçambique. O seu

trajeto de dirigente político que participou, e continua a participar, na construção da nação moçambicana, da União Africana e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, reflete a fina inteligência, a sensibilidade de médico e a singeleza do ministro que não teve pudor de confessar ao seu Presidente que não se sentia suficientemente conhecedor para assumir as responsabilidades de dirigir os destinos da saúde em Moçambique e lhe pediu autorização para o dispensar, para reforçar os seus conhecimentos com mais estudos universitários. O que lhe foi concedido! Sem perda do posto!

Tornando-o motivo de chacota quando, com alguma traquinice da sua parte, se apresentava aos seus colegas na universidade para onde foi estudar nos Estados Unidos, como o Ministro da Saúde de Moçambique. Houve muitos que não acreditaram nele. Mas era verdade! Era Ministro e estava a estudar para dar o seu melhor! E esse melhor incluiu reconhecer o potencial das questões relacionadas com a saúde dos povos africanos como elementos estruturantes de uma União Africana. E como líder visionário que é, envolveu-se nesse projeto que vai partilhar hoje conosco.

Mais uma vez acolhemos neste instituto o diretor de cooperação da CPLP, Dr. Manuel Lapão, enquanto representante do Secretário Executivo da CPLP. O vosso apoio e as nossas colaborações têm servido para reforçarmos a lusofonia, fortalecermos a resiliência dos sistemas de serviços de saúde e melhorarmos a saúde dos povos em todos os continentes. Este compromisso com a lusofonia pesa na adoção da língua portuguesa como a língua oficial do congresso e foi sempre fortemente apoiado pela Senhora Dr<sup>a</sup> Ana Jorge enquanto presidente do conselho de instituto. Agradeço a sua presença e o seu ânimo e o dos conselheiros que consigo nos apoiaram ao longo dos anos.

Agradeço também a presença dos representantes do Corpo Diplomático, das Forças Armadas portuguesas e angolanas, das ordens profissionais lusófonas, dos serviços nacionais de saúde e centros de investigação dos diferentes Estados membros da CPLP e da FAO.

A participação de Instituições amigas como o CEDUMED, o CONASS e a Fiocruz, são mais um motivo de orgulho.

Sra Presidente do Conselho Científico, Professora Doutora Lenea Campino, caros dirigentes, docen-

tes, investigadores, alunos e demais colaboradores do IHMT.

Tenho a certeza de que se juntam a mim para saudar as muitas entidades e participantes hoje aqui presentes e em reconhecer o apoio e a amizade das empresas e instituições que desde sempre viabilizam estes congressos: ADMT, ANF, FCT, GHTM, Pfizer, Pfizer Vacinas, Basi, Pluribus Internacional, Instituto Angolano do Rim, Bial, Moustidose, Atomosmania, TAP, Santander, Fundação Oriente e Associação Música nos Hospitais.

Estimados participantes:

O Instituto de Higiene e Medicina Tropical é uma instituição com uma missão abrangente e ambiciosa que requer uma grande sensibilidade e abertura à historicidade dos momentos em que vivemos.

Neste congresso abordamos temas de investigação em sistemas de serviços de saúde que têm tradição nos trabalhos de antigos professores e dirigentes do Instituto de Medicina Tropical que nos precedeu entre 1935 e 1959.

De entre estes, realço António Damas Mora (diretor entre 1936 e 1939) e José Firmino Sant'Anna (diretor entre 1939 e 1940) - numa altura em que esta área de investigação ainda não se tinha diferenciado como tal. Essa diferenciação só veio a verificar-se a partir dos anos 1970 e em Portugal, no IHMT, a partir dos anos 90.

No pré-congresso e durante o congresso abordamos questões metodológicas associadas a este tipo de investigação e John Reeder, diretor do programa especial na OMS de investigação em doenças tropicais, TDR, vai fazer uma conferência plenária, na última manhã, sobre investigação de implementação, um conceito recente, que engloba muitas das anteriores dimensões da investigação em sistemas de serviços de saúde.

Juntámos um elenco de cientistas e representantes dos sistemas científicos e dos sistemas de serviços de saúde de todos os Estados membros da CPLP, da rede de outros países colaboradores e peritos de organizações internacionais, como a OMS, que debaterão convosco questões relacionadas com a regulação, com o planeamento, com a avaliação de sistemas de serviços de saúde, com as tecnologias de informação e comunicação e com serviços diversos (hospitais e ambulatórios, laboratoriais, de hemodiálise, para doenças respiratórias crónicas e de medicina das viagens).

Abordamos o papel do setor privado.

Refletimos sobre o impacto da insularidade na estruturação dos sistemas de serviços de saúde.

Reconhecemos que no debate sobre as questões da migração se tem de assumir uma perspectiva que tenha em consideração a dos países de origem.

Muitos desses temas são também abordados nos artigos do novo número dos Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical sobre “Desempenho e história nos sistemas de saúde” – muitos de vós são autores dos artigos que lá aparecem. A sua publicação só foi possível pela dedicação da editora executiva, Professora Doutora Zulmira Hartz.

Em 11 sessões de 50 apresentações orais livres e em 56 posters, vamos abordar temas de investigação como governança dos sistemas de serviços de saúde, saúde-materno infantil, doenças transmitidas por vetores, VIH, micobacterioses e outros relevantes na lusofonia, em contexto tropical e/ou com dimensão global.

Teremos ainda oportunidade de apreciar como é que o nosso trabalho é apreciado por jornalistas e por fotógrafos nos concursos que, mais uma vez, associamos ao nosso congresso.

À margem dos trabalhos do congresso, os nossos estudantes encontraram-se para refletir sobre a tragédia das cheias em Moçambique no esteio do ciclone Idai e das mudanças climáticas que afligem o nosso planeta.

Vamos assinar acordos de colaboração e reforçar laços profissionais e afetivos.

O primeiro congresso reuniu-se em Lisboa de 24 a 29 de abril de 1952, quando se comemorava o cinquentenário do então chamado Instituto de Medicina Tropical. Já nesse congresso havia uma sessão, na IV Secção, dedicada à organização dos serviços de saúde. Nessa secção deste primeiro congresso foram apresentadas 21 comunicações orais sobre a ocupação sanitária, a organização e evolução dos serviços de saúde, a assistência médica às crianças e grávidas, não esquecendo os serviços dirigidos a doenças não transmissíveis como as doenças alérgicas e as psicoses nas então colónias ultramarinas. As questões da força de trabalho foram também abordadas da perspectiva da “preparação e aperfeiçoamento do pessoal técnico dos serviços de saúde”. Um tema que ainda hoje abordamos na investigação realizada pelo nosso centro colaborador da OMS sobre políticas e planeamento da força de trabalho em saúde. A essas 21 apresentações do 1º congresso esteve associada uma

exposição das atividades Sanitárias do Ultramar que decorreu no vizinho Palácio Nacional da Junqueira (Palácio Burnay), sendo o plano geral da exposição delineado pelo pintor Lino António da Conceição (1898 – 1974)<sup>1</sup> e que teve como objetivo apresentar o percurso do desenvolvimento da assistência médica nas colónias de então, contemplando a organização dos serviços de saúde.

No átrio do primeiro piso poderão, durante os dias deste 5º congresso, apreciar uma mostra museológica que tenta espelhar algum deste trabalho passado. Depois do primeiro em 1952, o segundo congresso só ocorreu em 2013, quando encerrou as comemorações dos 110 anos do Instituto de Higiene e Medicina Tropical. Desde então mantivemo-lo como um evento bienal, porque reconhecemos que são iniciativas como este congresso que nos ajudam a renovar a nossa agenda, a amplificar a nossa capacidade de reflexão sobre o que fazemos, como fazemos, com quem fazemos e com que impacto. E quando falo de impacto não me refiro a impactos bibliométricos, mas sim nas sociedades.

A inovação não se avalia por mais conhecimento calculado com base em publicações científicas de grande impacto. Mede-se, acima de tudo, pelo impacto desse conhecimento no progresso das sociedades e na qualidade de vida de todas as pessoas, operacionalizando um imperativo de equidade, que também se reflete na forma como colaboramos e construímos parcerias. Mais um tópico abordado numa das mesas redondas.

Ao falar de impacto relembro que queremos, não só, como diz o nosso lema, “mais saúde nos Trópicos” mas, também, mais prosperidade e equidade.

Contamos com todos vós para nos ajudarem a manter-nos nesse caminho, como garante da nossa permanente relevância e do nosso compromisso para com os objetivos de desenvolvimento sustentável, como podem ver no seguinte vídeo preparado por um grupo de estudantes de saúde pública.

Bons trabalhos.

---

1 - Autor dos painéis de cerâmica na sala Cambournac deste Instituto.